ANNO XV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 9 DE SETMBRO DE 1900 N.º 849 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 36

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º Anno

O caso das Trinas

O caso particular, a que se tem referido a «Patria», é ou não é verdadeiro? Pouco importa. O que é verdadeiro é a immoralidade dos conventos e recolhimentos religiosos.

O padre não deixa de ser homem, por ser padre. Ninguem contraria impunemente as leis da natureza. Essas leis são imperiosas, são inilludiveis. Mas se a religião considera um crime, para o padre, a satisfação das leis da natureza, o que esperam todos esses que vão pôr as filhas sob a protecção e educação dos padres?

São bestas? São papalvos? Importam-se pouco que as filhas corram graves riscos nos institutos religiosos?

O que fôr, ou como queiram. Caso é que o padre ha de procurar fatalmente satisfazer n'ellas as suas tendencias animaes, porque é a maneira mais facil de escapar ao stygma do mundo e a mulher para illudir a prohibição canonica. Pela influencia que exerce no espirito d'essas raparigas, pelo poder que resulta sobre ellas da sua qualidade de confessor ou de director especial, pelo regimen das casas religiosas onde ellas estão, regimen de segredo, fóra da fiscalisação civil, pela cumplicidade directa ou indirecta, voluntaria ou involuntaria, dos directores d'essas casas, sempre promptos a guardar a honra do convento e a abafar, consequentemente, todos os escandalos que n'elle se dérem, o padre tem nas educandas, as condições de sigillo, de annuencia, de segurança que não encontra em nenhumas outras raparigas ou mulheres.

Publicamente, não se póde o padre entregar á lubricidade. Occultamente, é-lhe difficil fazel-o com mulheres que não estejam educadas no fervor religioso e na obediencia padral, porque as mulheres, fóra d'essas condições, teem pouca inclinação para os padres, como sabemos. Prostitutas, não as quer o padre, que não deixa de ter bom gosto por ser padre.

O que lhe resta, então?

O que lhe resta?

O caminho está naturalmente indicado.

De longe a longe apparece um escandalo. Quantos, e quantos, e quantos factos identicos se não déram, sem escandalo?

Depois, pelo odio á mulher, o odio da carne, pregado pela religião systematicamente, mais a religião desenvolveu o desejo da mesma carne. Recalcado o desejo, fechando-se-lhe o caminho natural, perdeu-se em becos e extravasou em devarios de toda a ordem. D'ahi os extasis mysticos que Letourneau pinta, explica e define na sua «Physiologia das Paixões». Os allucinados eroticos apaixonam-se por Deus e pela Virgem Maria, veem Deus e a Virgem Maria em fórmas humanas, a imaginação doentia mostra-lhes a belleza d'essas fórmas e elles deliram na ardencia bestial dos desejos, como Eça de Queiroz pinta no «padre Amaro», como resalta do «Cantico dos Canticos» que o mesmo padre Amaro lê e dá a lêr á Ameliasinha para lhe despertar os desejos, como Letourneau pinta em Santa Thereza, Diderot na abbadessa que chega a enlouquecer por não possuir a «Religieuse», etc. Madame de Chantal marca a fogo no coração o nome de Jesus. Maria Alacoque segue-lhe o exemplo. Jesus não é insensivel a esta prova de Maria, apparece-lhe e começa a ter «relações com ella». Maria «casa» com Jesus. As relações de Maria Alacoque e de Jesus e o casamento dos dois fazem-se com consentimento da prioreza. Maria assigna o registo do casamento com o seu sangue.

Ridiculo e torpe!

A luxuria, a mais requintada luxuria, foi sempre apanagio dos conventos e casas religiosas. Michelet, no seu excellente livro «Le Petre», «La Femme» et «La Famille», diz que os conventos eram para os frades e padres, «quer elles o confessassem quer não, um negocio de coração» antes de tudo.

O «Diario» do arcebispo Eude Rigaud conta scenas pavorosas da immoralidade dos conventos, ainda antes do dominio jesuitico. Com os jesuitas as coisas aggravam-se porque elles desatam, com torpes subtilezas, a sanccionar todas as infamias e todos os vicios.

A moral que proclamam é immunda. Escobar affirma que um amigo póde ceder um quarto ao seu amigo para gosos sensuaes, se com isso evitar um inconveniente. Moullet sustenta que o seductor não tem a dar reparações se a «seducção ficar secreta». Layman proclama a legitimidade do abandono dos filhos illegitimos para escapar á deshonra. Busembaum admitte todas as cumplicidades dos creados. Benzi declara que era um simples peccadilho apalpar os seios ás mulheres. Os dominicanos atacaram este «modo de vêr». Os jesuitas defenderam o padre Benzi e d'ahi o ficar-se chamando aos jesuitas: «Theologos mamillares».

Estas doutrinas davam em resultado escandalos como o do padre Ribera e o da «bella Cadière».

No seculo desenove a moral jesuitica foi a mesma e as mesmas as scenas dos conventos e recolhimentos religiosos. Anda ahi annunciado, em todas as folhas catholicas, o «Compendio de Theologia Moral», do padre Gury. E' facil verifical-o, como facil é adquirir o livro.

Não sei mesmo se elle é adoptado nos nossos seminarios. Se não é adoptado, é aconselhado como expositor ou guia.

Pois esse homem defende as maiores atrocidades e, sob o ponto de vista sexual, publica as maiores indecencias.

Quem se quizer certificar, que leia.

O doutor Miguel Bombarda, director do Hospital de Rilhafolles, no seu livro «A Sciencia e o Jesuitismo» commenta d'esta fórma o tratado de Gury, na parte que diz respeito ás relações sexuaes: (1)

«O conhecimento da moral dos jesuitas só ficaria completo com a exposição das doutrinas e da casuistica, que exploram os peccados sexuaes até ás ultimas e pasmosas minucias de obscenidade. Eu desisto porém de largas transcripções; fallece-me a coragem de mexer em tanta sujidade. O livro de Paul Bert ahi está para quem quizer conhecer estas coisas mais de perto; arme-se porém de todo o seu latim, que o auctor não ousou pôr em linguagem corrente esses mares de lama que estão nos livros de Gury, e onde os ecclesiasticos vão buscar uma sciencia, que, tão completa, falta mesmo aos mais sabidos no deboche e na corrupção. Exige-o porém o confessionario. E' preciso que os mais intimos segredos do leito nupcial, que os mais torpes desvarios da sexualidade, para alli vão ser expostos, n'aquella conversa intima, mysteriosa, que se esconde pelas sombras do templo e exige encouraçamentos de pudor, a que não ha sensibilidade feminina que resista.

«... prouvera a Deus que esta materia não fosse tão frequente nas confissões e que o confessor não precisa senão conhecer-lhe os traços geraes! Que o pudico leitor me perdôe pois, se me detenho longamente aqui e se desço até aos casos particulares, que põem em luz tantas torpezas». (S. Liguori, citado por Gury, II, pag. 395. P. B., pag 432).

A paixão libidinosa resuma do livro inteiro da moral dos jesuitas. Mais ou menos é o que vem ao de cima tratando-se dos objectos os mais diversos e quasi sempre os exemplos de escolha são tirados dos dominios da sexualidade. E' uma verdadeira preoccupação morbida que, chegada ás alturas da moral do casamento, rompe todos os veus e expõe todas as vergonhas. Toleram-se e até se incita a actos impudicos, adextram-se as tentações, permittem-se todas as incontinencias, lembram-se e detalham-se os mais monstruosos excessos, imaginam-se casos de lubricidade e crime que nunca poderão realisar-se, maculam-se creanças e até as mães com torpes imaginações, ensinam-se os processos mais efficazes de seducção, aconselha-se emfim a não se resistir aos movimentos da carne:

145.—Não ha nenhuma obrigação de resistir positivamente aos movimentos da carne, quando tal resistencia não faz senão excital-os mais; uma resistencia material ainda é menos necessaria.....

Egualmente não somos obrigados a oppôr uma resistencia positiva a toda a tentação que se prolonga, porque seria muito difficil e ficar se-lhia exposto a ter innumeros escrupulos. (P. B., pag. 66, G., I).

Por toda a parte, um deleite sensual resumbrando até de pormenores que deixam attonitos os homens que não vivem privados de regular commercio sexual; chega-se mesmo a pensar na excitação que póde produzir a nudez d'uma creancinha, da qual diz Gury—que *excita pouco, parum movet* (G., I, 418, P. B., pag. 134)!

Essa parte da moral jesuitica deixa a perder de vista todas as pornographias dos tempos antigos ou modernos. Nunca se viu nada mais nú, nada mais crú. Tudo marcado com o sello do mais grosseiro cynismo, em que a materia é tudo e o sentimento é nada. Vemol-o no desprezo da mulher que filtra pelas entrelinhas de toda a moral dos jesuitas e que aqui ou alli é despejadamente declarada:

381... O marido deve de ordinario começar por usar de palavras benevolas para corrigir a mulher e, se não basta, recorrer a castigo mais severo.

O confessor não deve desde logo juntar fé ás palavras d'uma mulher que se queixa do esposo, porque as mulheres são habitualmente inclinadas a mentir. P. B., pag. 117, G., 1).

Gravae em vosso espirito esta verdade: «Mais vale a maldade d'um homem que o beneficio d'uma mulher.» P. B., pag. 411).

99.—Não te detenhas no meio das mulheres; *do vestuario vem a tinha, da mulher a iniquidade do homem.* (P. B., pag. 331, G., II).

E vemol-o egualmente no aspecto grosseiro, em que o casamento é encarado. O casamento não é visto senão como união dos corpos, quando muito como sacramento sanctificando uma união, mas nunca se olha como enlace d'almas, como união de esforços, de dôres e de felicidade:

744.—O casamento póde ser olhado por dois modos—como contracto e como Sacramento.

Como contracto, é uma convenção pela qual o homem e a mulher se dão reciprocamente e legitimamente a propriedade do seu corpo para os actos proprios da geração, e se comprometem a viver juntos.

Como Sacramento, define-se: «Sacramento da lei nova conferindo a graça para sanctificar a união legitima do homem e da mulher e para proteger piamente e educar santamente a prole.» (Gury, II).

765.—A materia remota do casamento é o corpo dos noivos, que no contracto se entregam reciprocamente.

A materia proxima é a entrega mesma dos corpos, que se faz por meio de palavras ou signaes exprimindo o consentimento. (P. B., pag. 422, G., II).

E somos nós os grosseiros materialistas!»

Somos nós, somos, os grosseiros materialistas! E gritam horror aos livros de Zola, de Eça de Queiroz, aos escriptos de todos que expõem a verdade sem rodeios mentirosos, esses bandidos que escrevem e propagam torpezas de tal ordem, esses papalvos, ou abjectos tartufos que lhes dão as filhas a educar por ser do *bom tom* apprender com os jesuitas, ou por ser do *bom tom* ter relações com Jesus Maria José, ou por ser do *bom tom* pertencer ao «Sacré Coeur!»

Mas não importa. Elles podem á vontade apprehender a «Patria» por desvendar os novos escandalos das Trinas e de Aldegavinhas. Póde o juiz Veiga declarar todos os recolhimentos e casas de educação religiosas em Portugal isentas de peccado e de culpa. Que emquanto a moral dos jesuitas fôr o que é, emquanto os processos d'elles não mudarem, emquanto o padre não fôr castrado e emquanto se gritar horror á carne, Hintze Ribeiro, Veiga e quejandos debalde praticarão todos os attentados e todas as violencias.

Não fecham a bocca á verdade e nem sequer deitam poeira nos olhos do publico.

(1) O doutor Bombarda parece que não conhece directamente o livro de Gury e que ignora que elle anda annunciado e muito recommendado nas folhas catholicas portuguezas, por isso que só trata da citação que d'elle faz Paul Bert na sua obra magnifica—«La Morale des Jesuites».

"A PATRIA,,

"O PAIZ,,

O governo, não contente de supprimir a *Patria*, acaba de prohibir a circulação do jornal que o vinha substituir—*O Paiz*.

Apezar de todos os despotismos que se veem praticando ha dez annos em Portugal, este ainda nos faz pasmar.

Os nossos protestos de nada valem. Os protestos dos diarios valem de muito. Os nossos, principalmente faltando aquelles, não valem nada.

Comtudo, elles ahi ficam por este meio e estamos promptos a fazel-os, com outros, por *todos os meios* que forem necessarios.

E' espantoso!

Mas hei de ser doutor!

Assim dizia o nosso doutor Moliço.

Chamas-me doutor Moliço por mangação?

Pois hei de sêl-o a sério.

E lá vae matricular-se na Universidade de Coimbra.

O peior, amigo é que

quem a Coimbra vae e de Coimbra vem, se burro vae burro vem.

Está explicado

Ninguem atinava com o motivo porque o jornal «Novidades» elogiou, emfim, os boers e, em especial, Dewet, chamando a este «um dos mais brilhantes generaes do tempo moderno».

Afinal percebeu-se. Veio a explical-o o proprio diario «Novidades». E' que Pimentel Pinto queria ir commandar a expedição, que vae a Lourenço Marques vencer e aniquilar os boers.

Logo, para augmentar a gloria dos vencedores é preciso confessar a gloria dos vencidos.

Já os boers são valentes e heroicos!

Já Dewet é um dos «mais brilhantes generaes do tempo moderno»!

Que será o Pimentel Pinto, se lá vae vencer Dewet?

Bem empregado bastão de marechal!

Ninguem deseja mais do que nós que Pimentel Pinto vá bater Dewet.

Vá, vá.

EÇA DE QUEIROZ
E
AS SUAS OBRAS

(Do *Crime do Padre Amaro*)

O padre cura,—*sem tirar nem pôr uma cavalgadura*,—do Guerra Junqueiro, já nós conhecemos. O leitores do *Povo de Aveiro* viram-n'o aqui, transcripto, quando foi das tareias no masmarro do doutor Moliço. Não é fóra de proposito, agora que tanto se fala no grande romancista portuguez, mostrar o *padre Amaro*, do Eça de Queiroz.

«Amaro era, como diziam os criados, *um mosquinha morta*. Nunca brincava, nunca pulava ao sol. Se á tarde acompanhava a senhora marqueza ás alamedas da quinta quando ella descia pelo braço do padre Liset ou do respeitoso procurador Freitas, ia a seu lado, mono, muito encolhido, torcendo com as mãos humidas o forro das algibeiras—vagamente assustado das espessuras d'arvoredos e do vigor das relvas altas.

Tornou-se muito medroso. Dormia com lamparina, ao pé d'uma ama velha. As criadas de resto feminisavam-no; achavam-no bonito, aninhavam-no no meio d'ellas, beijocavam-no, faziam-lhe cocegas, e elle rolava por entre as saias, em contacto com os corpos, com gritinhos de contentamento. A's vezes, quando a senhora marqueza sahia, vestiam-no de mulher, entre grandes risadas; elle abandonava-se, meio nú, com os seus modos languidos, os olhos quebrados, uma roseta escarlate nas faces. As criadas, além d'isso, utilisavam-no nas suas intrigas umas com as outras: era Amaro o que *fazia as queixas*. Tornou-se enredador, muito mentiroso.

Aos onze annos ajudava á missa, e aos sabbados limpava a capella. Era o seu melhor dia; fechava-se por dentro, collocava os santos em plena luz em cima d'uma meza, beijando-os com ternuras devotas e satisfações gulosas; e toda a manhã, muito atarefado, cantarolando o Santissimo, ia tirando a traça dos vestidos das Virgens e limpando com gesso e cré as aureolas dos Martyres.

No emtanto crescia; o seu aspecto era o mesmo, miudo e amarellado; nunca dava uma boa risada, trazia sempre as mãos nos bolsos. Estava constantemente mettido nos quartos das criadas, remexendo as gavetas; bolia nas saias sujas, cheirava os algodões postiços. Era extremamente preguiçoso, e custava de manhã arrancal-o a uma somnolencia doentia em que ficava amollecido, todo embrulhado nos cobertores e abraçado ao travesseiro. Já corcovava um pouco e os criados chamavam-lhe o padreca.»

A senhora marqueza, em casa de quem tinha nascido o Amaro, filho da creada favorita da fidalga, morreu, n'esta altura, de uma apoplexia. Deixou no seu testamento um legado para que Amaro, o filho da creada Joanna, entrasse aos quinze annos no seminario e se ordenasse. A marqueza era devota, como é do bom tom na alta roda, e devotamente educava o Amaro desde a mais tenra infancia.

Amaro foi para casa d'um tio sacerdote, á espera da idade para entrar no seminario.

«Nunca ninguem consultára as suas tendencias ou a sua vocação. Impunham-lhe uma sobrepeliz; a sua natureza passiva, facilmente dominavel, aceitava-a, como aceitaria uma farda. De resto não lhe desagradava *ser padre*. Desde que sahira das rezas perpetuas de Carcavellos conservava o seu medo do inferno, mas perdera o fervor dos santos; lembravam-lhe porém os padres que vira em casa da senhora marqueza, pessoas brancas e bem tratadas que comiam ao lado das fidalgas e tomavam rapé em caixas d'ouro; e convinha-lhe aquella profissão em que se falla baixo com as mulheres,—vivendo entre ellas, cochichando, sentindo-lhes o calor penetrante,—e se recebem presentes em bandejas de prata. Recordava o padre Liset com um annel de rubi no dedo minimo; monsenhor Sávedra com os seus bellos oculos d'ouro bebendo aos goles o seu copo de *madeira*. As filhas da senhora marqueza bordavam-lhes chinelas. Um dia tinha visto um bispo que fôra padre na Bahia viajara, estivera em Roma, era muito jovial; e na sala, com as suas mãos ungidas que cheiravam a agua de colonia apoiadas ao castão d'ouro da bengala, todo rodeado de senhoras em extase e cheias d'um riso beato, cantava, para as entreter, com a sua bella voz:

Mulatinha da Bahia,
Nascida no Capujá...

Um anno antes de entrar para o seminario o tio fel-o ir a um mestre para se affirmar mais no latim, e dispensou-o de estar ao balcão. Pela primeira vez na sua existencia Amaro possuiu liberdade. Ia só á escola, passeava pelas ruas. Viu a cidade, o exercicio de infanteria, espreitou ás portas dos cafés, leu os cartazes dos theatros. Sobretudo começara a reparar muito nas mulheres—e vinham-lhe, de tudo o que via, grandes melancolias. A sua hora triste era ao anoitecer, quando voltava da escola ou aos domingos depois de ter ido passear com o caixeiro ao jardim da estrella. O seu quarto ficava em cima, na trapeira, com uma janellinha n'um vão sobre os telhados. Encostava-se alli olhando, e via parte da cidade baixa que a pouco e pouco se alumiava de pontos de gaz: parecia-lhe perceber, vindo de lá, um rumor indefenido: era a vida que não conhecia e que julgava maravilhosa, com cafés cruzados de luz e mulheres que arrastam ruge-ruges de sedas pelos perystillos dos theatros; perdia-se em imaginações vagas, e de repente appareciam-lhe no fundo negro da noite fórmas femininas, por fragmentos, uma perna com botinas de duraque e a meia muito branca, ou um braço roliço arregaçado até ao hombro... Mas em baixo, na cozinha, a criada começava a lavar a louça, cantando: era uma rapariga gorda, muito sardenta; e vinham-lhe então desejos de descer, ir roçar-se por ella, ou estar a um canto a vel-a escaldar os pratos; lembravam-lhe outras mulheres que vira nas viellas, de saias engommadas e ruidosas, passeando em cabello, com botinas cambadas; e, da profundidade do seu ser, subia-lhe uma preguiça, como que a vontade de abraçar alguem, de não se sentir só. Julgou-se infeliz, pensava em matar-se.»

Entrou no seminario. Ouvia as conversas dos outros e

«Amaro ficava todo nervoso: sobre o seu catre, alta noite, revolvia-se sem dormir e, no fundo das suas imaginações e dos seus sonhos, ardia, como uma braga silenciosa, o desejo da Mulher.

Na sua cella havia uma imagem da Virgem ornada de estrellas, pousada sobre a esphera, com o olhar errante pela luz immortal, calcando aos pés a serpente. Amaro voltava-se para ella como para um refugio, rezava-lhe a Salvé Rainha: mas, ficando a contemplar a lithographia, esquecia a santidade da Virgem, via apenas diante de si uma linda moça loura; amava-a; suspirava; despindo-se olhava-a de revez lubricamente; e mesmo a sua curiosidade ousava erguer as pregas castas da tunica azul da imagem e suppôr fórmas, redondezas, uma carne branca... Julgava então ver os olhos do tentador luzir na escuridão do quarto; aspergia a cama d'agua benta; mas não se atrevia a revelar estes delirios, no confessionario, ao domingo.

Quantas vezes ouvira, nas predicas, o mestre de Moral falar, com a sua voz roufenha, do Peccado, comparal-o á serpente e, com palavras unctuosas e gestos arqueados, deixando cahir vagarosamente a pompa melliflua dos seus periodos, aconselhar os seminaristas a que, imitando a Virgem, calcassem aos pés a *serpente ominosa!* E depois era o mestre de Theologia mystica que falava, sorvendo o seu rapé, no dever de *vencer a Natureza!* E citando S. João de Damasco e S. Chrysologo, S. Cypriano e S. Jeronymo, explicava os anathemas dos santos contra a Mulher, a quem chamava, segundo as expressões da Egreja, Serpente, Dardo, Filha da mentira, Porta do inferno, Cabeça do crime, Escorpião...

—E como disse o nosso padre S. Jeronymo,—e assuava se estrondosamente—caminho de iniquidade, *iniquitas via!*

Até nos compendios encontrava a preoccupação da Mulher! Que sêr era esse, pois, que através de toda a theologia ora era collocada sobre o altar como a Rainha da Graça, ora amaldiçoada com apostrophes barbaras? Que poder era o seu, que a legião dos santos ora se arremessa ao seu encontro, n'uma paixão extatica, dando-lhe por acclamação o profundo reino dos céos,—ora vae fugindo deante d'ella como do Universal Inimigo, com soluços de terror e gritos d'odio, e escondendo-se, para a não vêr, nas thebaidas e nos claustros, vai alli morrendo do mal de a ter amado? Sentia, sem as definir, estas perturbações! ellas renasciam, desmoralisavam-no perpetuamente: e já antes de fazer os seus votos desfallecia no desejo de os quebrar. E em redor d'elle sentia iguaes rebelliões da natureza: os estudos, os jejuns, as penitencias podiam domar o corpo, dar-lhe habitos machinaes, mas dentro os desejos moviam-se silenciosamente, como n'um ninho de serpentes imperturbadas. Os que mais soffriam eram os sanguineos, tão doloridamente apertados na Regra como os seus grossos pulsos plebeus nos punhos das camisas. Assim, quando estavam sós, o temperamento irrompia: luctavam, faziam forças, provocavam desordens. Nos lymphaticos a natureza cumprimida produzia as grandes tristezas, os silencios molles: desforravam se então no amor dos pequenos vicios: jogar com um velho baralho, lêr um romance, obter de intrigas demoradas um maço de cigarros—quantos encantos do peccado!»

N'estes periodos admiraveis encerra Eça de Queiroz a explicação dos attentados das Trinas, de Aldegavinha e de todas as casas de educação religiosa. E' a natureza comprimida, tornando-se viciosa. Quanto maior é a prohibição, maior é o desejo. O odio da carne, o horror da mulher, exalta a imaginação. O padre, feito eunucho, o padre, sem faculdades de homem, o padre, apontado como um criminoso quando publicamente segue os impetos da natureza, vae para o mysterio, vae para o segredo dar largas á mesma natureza, que, então, ou adquire toda a sua primitividade bestial ou degenera em requintes de vergonhosa luxuria, isto aggravado por devaneios de mysticismo erotico como aquelles dos *Canticos de Jesus*, que Amaro, já padre e prior em Leiria, lia no quarto, emquanto sentia ranger por cima a cama de Amelia, cujas fórmas opulentas e roupas brancas o padre estava imaginando na exaltação do seu desejo.

«Quando descia para o seu quarto, á noite, ia sempre exaltado. Punha-se então a lêr os *Canticos de Jesus*, traducção do francez, publicada pela sociedade das *Escravas de Jesus*. E' uma obrasinha beata, escripta com um lyrismo equivoco, quasi torpe—que dá á oração a linguagem da luxuria. Jesus é invocado, reclamado com as soffreguidões balbuciantes de uma concupiscencia allucinada: «Oh! vem, amado do meu coração, corpo adoravel, minha alma impaciente quer-te! Amo te com paixão e desespero! Abraza me! queima me! Vem! esmaga-me! possue-me!» E um amor divino, ora grotesco pela intenção, ora obsceno pela materialidade, geme, ruge, declama assim em cem paginas inflammadas onde as palavras *gozo, delicia, delirio, extase*, voltam a cada momento, com uma persistencia hysterica. E depois de monologos phreneticos d'onde se exhala um bafo de cio mystico, vem então imbecilidades de sachristia, notasinhas beatas resolvendo casos difficeis de jejuns, e orações para as dôres de parto! Um bispo approvou aquelle livrinho bem impresso; as educandas lêem-n'o no convento. E' beato e excitante; tem as eloquencias do erotismo, todas as pieguices da devoção; encaderna-se em marroquim e dá-se ás confessadas: é a cantharida canonica!

A *cantharida canonica!* Só esta phase vale um livro. E porque era a *cantharida canonica* o padre Amaro tinha o cuidado de o dar a lêr á rapariga que andava seduzindo, Amelia, que apparecia, depois de o ter lido, *pallida*, com *olheiras até ao meio da face*.

A *cantharida canonica, que o bispo approvou* e que *as educandas leem no convento!*

E houve alguem tão ferozmente intransigente que deu os sacramentos a este homem moribundo, já *sem consciencia*, como diziam os periodicos, e que o cercou de irmãs da caridade depois de morto! (1)

Alguem que se dizia amal-o e respeital-o!

E somos nós, os livres pensadores, os accusados de intolerancia; nós que deixâmos, até ás vezes mais do que devemos, como Littré e Eça de Queiroz, a familia viver e morrer em paz nas suas crenças, nos seus fanatismos, na sua estupidez!

E é uma pelintragem das lettras, servil deante do throno, abjecta deante do altar, que está para ahi a reclamar o espirito do grande escriptor!

E apregoam-no *aristocrata!*

Aristocrata, os imbecis, que falam das suas obras com tanta consciencia como do *velho solar dos Eças*, em Verdemilho, phrase que não nos faz rir porque esta imbecilidade já não nos mette senão nojo!

Aristocrata, o homem que passou a vida a derruir os preconceitos da aristocracia, a encher de sarcasmos, de verminas e de desprezos tudo quanto a pelintragem portugueza considera inherente á alta roda e ao bom tom!

Ou chamarão elles aristocratas aos que amam flôres, aos que gostam de viver com limpeza e aceio no corpo e no espirito?

Imbecis.

Ora os leitores irão vendo se nós não temos razão, porque, já agora, havemos de transcrever e ligeiramente commentar, as passagens mais caracteristicas de todas as obras d'esse homem, descendente de aveirenses illustres.

(1) A jesuitada pretende que Eça de Queiroz recebeu a extrema uncção com *consciencia ainda*. E' falso. O correspondente do *Seculo*, em Paris, que vivia intimamente com o grande escriptor, foi o primeiro a dizer que Eça de Queiroz estava *sem conhecimento*.

De resto, veremos, por outras transcripções que faremos nos proximos numeros, como Eça de Queiroz era contrario não só ao clericalismo como á propria religião e á propria idéa de Deus.

Tinha a fraqueza de transigir com o beaterio da familia, isso tinha.

A raça portugueza, sempre fraca e impotente, até nos seus grandes espiritos!

---

(55) **FOLHETIM**

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXI

Dizei-lhe que nós cedemos á sua rapacidade, como em circumstancias identicas o fariamos á de um ladrão d'estrada. Que fixe a quantia que pretende pelo nosso resgate, que nós a pagaremos se couber nas nossas posses.

O mordomo não respondeu, mas curvou a cabeça.

— Dizei tambem a Reginaldo Testa-de-Boi, accrescentou Athelstane, que eu o desafio para um combate mortal, a pé ou a cavallo, em qualquer logar seguro, dentro de oito dias depois de recuperarmos a liberdade. Se elle é um verdadeiro cavalleiro, não ousará, em taes circumstancias, recusal-o nem adial-o.

— Eu vou dar parte ao cavalleiro do vosso desafio, respondeu o mordomo; entretanto deixo-vos entregue ao vosso jantar.

O desafio de Athelstane foi proferido sem calor, porque elle tinha a bocca cheia e as maxillas em exercicio, o que, junto á sua hesitação natural, attenuou consideravelmente o effeito das suas palavras. Comtudo ellas foram acolhidas por Cedric como prova incontestavel de ter acordado o espirito do seu companheiro, de quem a indifferença anterior, apezar do seu respeito pela estirpe de Athelstane, começava a fazer-lhe perder a paciencia. Apertou-lhe cordealmente as mãos em signal de approvação, mas tornou a entristecer um pouco quando Athelstane declarou que desafiaria uma duzia d'homens como Testa-de-Boi se isso os fizesse sahir mais depressa de uma enxovia onde deitavam tanto alho na sopa. Não obstante esta recahida de Athelstane na sua apathia e na sua glutoneria, Cedric sentou-se em frente d'elle e mostrou em breve que, se os males do seu paiz podiam fazer-lhe esquecer o jantar quando a meza estava vasia, lhe voltava o appetite dos antigos saxões com todas as suas outras qualidades quando sobre ella havia de comer e de beber.

Os prisioneiros não saborearam por muito tempo o jantar que lhes tinham trazido; pois que foram surprehendidos n'essa grave occupação pelo som de uma buzina que eccoou á entrada do castello. Esse toque foi repetido tres vezes e com tanta força como se fosse o do cavalleiro da lenda em frente do castello encantado, ao som do qual deviam desfazer-se, como os vapores da madrugada, salas e torres, ameias e barbacãs. Os saxões levantaram-se da meza e correram á anella. Mas ficaram desapontados: não puderam satisfazer a sua curiosidade porque a sala dava para o pateo do castello e os toques tinham soado da parte de fóra. Estes, porém, parecia terem importancia a julgar pela agitação que immediatamente se lhes seguiu no castello.

XXII

Minha filha!... Oh meus ducados!... Oh minha filha! Oh meus ducados christãos! Justiça... a lei... meus ducados e minha filha!

Mercador de Veneza.

Deixando voltar os chefes saxões ao seu jantar logo que a decepção soffrida pela sua curiosidade lhes permittiu attender á satisfação do seu appetite meio saciado, vamos ver a prisão bem mais severa d'Isaac de York. O pobre judeu fôra brutalmente encarcerado n'uma enxovia abobadada do castello, cujo pavimento era inferior ao plano do solo exterior e muito humido, pois que ficava ainda abaixo do nivel do fosso. A luz só lá penetrava por uma ou duas frestas, a tal altura que o prisio-

INSUBORDINAÇÃO

Um cidadão, que é, em Vizeu, correspondente do «Seculo», diz para este periodico que se insubordinou o esquadrão de cavallaria aquartelado n'aquella cidade, que as praças tentaram espancar o seu capitão e que a causa do procedimento dos *pobres soldados* foi serem castigados duramente por aquelle official.

E chora sobre os *pobres soldados*, o *bondoso cidadão!*

Ora aquelles tropas de cavallaria estavam pedindo, em Vizeu, *vergalho* ha muito tempo. Era uma *matula*, não eram tropas dignas d'este nome. Mas o *bondoso cidadão*, que nós pessoalmente não conhecemos nem nos importa conhecer, o *bondoso cidadão* que é um apoio, como se vê das suas correspondencias, da gente do poder, gente que affirma cada vez mais a tyrannia do throno e do altar, o bondoso cidadão que se curva e desbarreta deante do regimen e dos representantes d'esse regimen, só teve *bom coração* quando um official praticou a *tyrannia* de applicar uns dias de detenção ou umas guardas de castigo aos *pobres soldados* que viviam na mais rasgada pandega e no mais completo desaforo.

O *humanitario correspondente*, que é catholico, apostolico romano, defensor das irmãs da caridade que pullulam em Vizeu, panegyrista do sr. bispo, etc, lembra o padre Natario do «Crime do Padre Amaro», d'Eça de Queiroz, aquelle celebre Natario que depois de preparar tudo para matar á fome o pobre João Eduardo, o impio, com tanto sangue frio que até o padre Amaro se horrorisava, acabava por dizer para este:

«E adeusinha, que as pequenas estão á espera para a ceia. Coitadita, a Rosa tem estado com um defluxo!... E' fraquita, aquella rapariga, dá-me muito cuidado... Que eu em a vendo murcha até perco logo o somno. Que quer vossê? Quando *se tem bom coração*...»

Ora o bom coração do padre Natario é o bom coração de todas estas creaturas tementes a Deus e respeitadoras do throno.

O correspondente do «Seculo» em Vizeu tem pena dos *pobres soldados*, que *andavam á solta* com grave prejuizo dos interesses publicos, porque Deus ou o Diabo nos livrem de soldados sem disciplina, que, n'um instante, se tornam um elemento de séria desordem, ameaçando, de preferencia, a tranquillidade dos paizanos. Foi pena que não houvesse occasião d'elles embicarem com o «benemerito correspondente», como no entrudo passado fizeram a outros paizanos, que correram á espadeirada.

Foi pena, porque talvez o benemerito, então, se não atrevesse a carpir sobre a «sorte dos infelizes!»

Mas dos «pobres soldados», como iamos dizendo, tem muita pena o bondoso filho do «Coração de Maria». Do official, que cumpria o seu dever empregando esforços para chamar uma «matula» armada ao respeito da lei, tem tão pouca pena o «benemerito», «bondoso» e «amarissimo irmão em Jesus Christo» que não hesita em lançar ao grande publico, por intermedio do «Seculo», o descredito do seu nome.

A isto chegámos e n'isto estamos. Até vêr!

De resto, é completamente falso, diz o «Commercio de Vizeu», que os soldados tentassem espancar o capitão.

O capitão nem sequer estava no quartel.

Canal de S. Roque

Continuam progredindo os trabalhos de prolongamento do novo canal de S. Roque até ao valle do Senhor das Barrocas. E' um melhoramento importantissimo com que a Junta da Barra dota a cidade.

Para este effeito foi expropriada judicialmente, na semana passada, parte da propriedade que os herdeiros do fallecido visconde de Valdemouro, possuem no local por onde tem de passar o canal. Os louvados avaloaram o terreno expropriado em réis 9:169$560.

Brevemente vão começar os trabalhos n'este terreno.

CONFRONTOS

O *Popular*, em noticia de quatro linhas, núa de commentarios, publicou que o imperador da Allemanha tratou Waldersee, na despedida, por *vossa excellencia*.

Aquillo era o mesmo que dizer ao sr. D. Carlos: «E Vossa Magestade trata tudo por tu!»

Pois o *Popular* não tem razão na perfidia.

Quando em Portugal havia homens, os reis só tratavam por tu, como agora na Allemanha, os seus servos, creados, ou funccionarios de palacio, fossem fidalgos ou fossem plebeus. Agora que entre nós já não ha senão lacaios, sua magestade trata tudo por tu.

Faz sua magestade muito bem. Muitissimo bem.

Não é por ironia que o dizemos.

RESERVISTAS

Seguindo a corrente de hypocrisias estabelecido entre nós e obedecendo ao velho systema de enganar o paiz, todos os jornaes monarchicos exaltam os resultados obtidos na ultima instrucção de reservistas, pisando o thema conhecido da excellencia do nosso soldado e da capacidade do nosso official.

Ora as experiencias sobre a *instrucção intensiva* do recruta estão feitas e refeitas no estrangeiro com exito muito superior ás que se acabam de fazer entre nós. Quem lêr os periodicos monarchicos julga que se procedeu a uma coisa nova no mundo e que Portugal acaba de metter a sua ultima lança em Africa. Um d'elles—«O Dia»,—onde collaboram officiaes militares e officiaes do *Estado Maior*, até disse que mais tres dias e os reservistas poderiam entrar em campanha!

Poderiam entrar em campanha sem *exercicios de flexibilidade*, sem instrucção sobre serviço de campanha, sem instrucção sobre tactica de combate, apenas com conhecimentos incompletos de manejo d'arma e de tiro e de escola d'esquadra em ordem extensiva e unida, sem saberem, sequer, pôr uma mochila ás costas, porque o ministerio da guerra, mandando-os ensinar a *equipar* e a *desequipar* esqueceu-se de lhes mandar distribuir mochilas!

Tal é o proposito de enganar o paiz, o eterno papalvo e o pobre burro.

Que papalvos é tudo isto. Todos os dias ouvimos apregoar aos proprios officiaes militares que o soldado de infanteria em sabendo marchar e atirar está prompto para a guerra e que tudo o mais que se lhe ensina é tempo perdido e historias!

Nunca *Deus* vos dê a desillusão, não por amor de vós, mas do desgraçado paiz.

O que se acaba de ensinar aos nossos reservistas, menos o tiro, ensinou-se em França, já, em *dez dias*. Em trinta, que foram os dias que tivemos para a instrucção dos nossos reservistas, ensinou-se-lhes em França *tudo*, menos gymnastica. *Tudo*, escola de esquadra, de pelotão e de companhia em ordem unida e extensa, exercicios de flexibilidade, tactica de combate, serviço de campanha, tiro, avaliação de distancias, aproveitamento do terreno, deveres moraes dos soldados, etc.

Isto em instrucção extraordinaria e intensiva. Que em instrucção normal, ensina-lhes a Suissa o mesmo, tirando a gymnastica, que na Suissa se aprende antes de se chegar ás fileiras, em 45 dias.

Já veem os panegyristas que podiamos e deviamos fazer muito, mais do que fizemos. Fizemos alguma coisa e nós não censurâmos. Mas fiquemos por aqui. Porque para louvar seria necessario que o programma do ministerio da guerra para a instrucção dos reservistas, programma publicado em ordem do exercito, fosse mais lato e se cumprisse com rigor.

Então, sim.

A banhos

Foi para a praia de Espinho com sua familia o sr. dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães.

Para a Barra foi a esposa do nosso amigo Albino Pinto de Miranda.

Na Costa Nova estão os nossos amigos João Pedro Ferreira e Bento Augusto de Carvalho e em S. Jacintho o nosso amigo José Fernandes Mourão.

HOM'ESSA!

Segundo as altas regiões militares d'este paiz de «heroes», um coronel não póde commandar 2:000 homens de tropas. Portanto, a projectada expedição a Lourenço Marques, que não chega a ter 2:000 homens, será commandada por um general!

Hom'essa!

Pela propria organisação militar do paiz um coronel de infanteria commanda, em tempo de guerra, 2:000 homens aproximadamente. Nas ultimas campanhas, ainda na campanha Turco-grega, coronéis commandaram forças numerosissimas, de todas as armas, vezes repetidas. Não podem allegar os da Parvonia que mandem um general commandar a expedição por esta se compor de tropas «das differentes armas», porque expedições com «tropas de differentes armas» teem sido commandadas, até agora, por «simples majores».

De que provem, então, a «resolução do general»?

Do proposito continuo de enganar com paspalhices este paspalhão do paiz.

As taes campanhas d'Africa teem sido uma mina.

Agora até mettem general. Para o paspalhão do paiz abrir a bocca e fazer «ah!...»

Ah!... Viva a monarchia, que tem levantado os brios do exercito e imposto o nome portuguez ao respeito do mundo!

Viva o Pimentel Pinto, o «organisador da victoria»!

Ora vejam que até a expedição á Africa já mette general.

Ah!...

E um coronel não póde commandar dois mil homens.

Oh!...

E não rufa o tambor, nem zabumba o bombo, nem esganiça o pifre.

Pois isto está pedindo «tapiço» com toda a força.

ROMAGENS

Festejou-se hontem o S. Paio, na costa da Torreira, advogado contra as maleitas. Os devotos, segundo o costume antigo, para se desonerarem das suas promessas ao santo, a quem pediram allivios das febres intermittentes, subjeitam a imagem a uma oblação de vinho, que recolhem depois n'uma vasilha, e bebem. E consideram-se depois d'isso refractarios ao mal. O S. Paio da Torreira, que tem imagem privativa d'estes banhos, pois que o do altar não partilha d'esses sacrificios, é uma das romagens mais ruidosas da beira-mar.

Este anno, contra o costume, não nos consta que tenha havido facadas nem roubos dignos de nota.

*

Hoje celebra-se com muito apparato a Senhora da Encarnação, na capellinha da Maluca, propriedade que foi da extincta tia Joanna da Gramata. Como se sabe, a ermida fica ao nascente da Costa Nova do Prado, cujos banhistas vão alli ámanhã de tarde associar-se ao enthusiasmo da festa.

Hontem á noite houve no arraial fogo preso, musica, illuminação, descantes populares, etc. Correu tudo em harmonia, não obstante alguns fieis abarrotarem de piedosa unção vinicola, de que se iam inspirar ás *grutas* esparsas pelo arraial.

*

A' hora em que o nosso jornal está a entrar na machina, numerosos grupos de romeiros, vindo de terras distantes, cantando e dançando, atravessam as ruas da cidade em direcção a Verdemilho, para a romaria da Senhora das Dôres, que se realisa n'aquella localidade.

Hoje a cidade tambem costuma dar um contingente rasoavel.

*

A festa da Senhora das Febres, na beira-mar, esteve animadissima. Na vespera, como prenoticiámos, tocaram alternadamente, com geral agrado, as reputadas phylarmonicas Aveirense e Vista-Alegre.

*

Em Sôza tambem estiveram animados os festejos. Como dissémos foi alli tomar parte no certamen a banda dos Voluntarios que se houve, segundo nos informam, á altura dos seus creditos

AS SÉSTAS

Findaram hontem as séstas dos operarios. O facto, por coincidir com a romagem do S. Paio, festividade mais em evidencia n'este mez, provocou no vulgo operario jeremiadas poeticas, que são um frouxo allivio de máguas choradas em quadras e rimas de metrificação aleijadas.

«.....
Oh S. Paio da Torreira
Oh Santo de bocca aberta
Tiraste aos trabalhadores
As duas horas de sésta.»

E não vae mais longe a irreverencia dos que soffrem com a perda das séstas.

"O NORTE,,

Em Aveiro vende-se no Kiosque Central.

---

neiro não lhes podia chegar com a mão. Essas aberturas mesmo em pleno dia só deixavam passar uma claridade vaga, que se mudava em espessas trévas antes que a luz do sol tivesse abandonado as outras dependencias do castello. Cadeias e ferros cobertos de ferrugem, que tinham servido a anteriores prisioneiros de quem se havia receado a fuga ou a revolta, estavam soldados ás paredes e nos anneis de um d'esses grilhões estavam dois ossos carcomidos, que parecia terem pertencido a pernas humanas, como se não se tivessem contentado em deixar morrer o captivo mas nem mesmo o houvessem sepultado.

N'um canto d'esse carcere horrivel havia uma grelha de grandes dimensões, por cima da qual atravessavam algumas barras de ferro muito comidas de ferrugem. O aspecto de um logar tão lugubre poderia abalar um homem mais animoso do que Isaac, que, no entanto tinha mais sangue frio em presença de um perigo imminente do que poderia esperar-se d'elle vendo-o assaltado por terrores cuja causa era remota e fortuita. Segundo dizem os caçadores, a lebre sente angustias mais acerbas quando foge perseguida pelos cães de que quando se acha entre as suas prezas. Do mesmo modo, é provavel que os judeus, mesmo em razão dos seus sustos constantes, estivessem até certo ponto preparados para todos os males que a tyrannia podia infligir lhes, de maneira que ao serem victimas de qualquer violencia não sentiam grande surpreza, que é uma das qualidades mais enervantes do terror.

De resto, não era a primeira vez que Isaac se encontrava em circumstancias identicas; tinha já experiencia para se dirigir e esperança de se escapar como nas vezes anteriores, á semelhança do passaro que foge da armadilha. Sobretudo tinha a seu favor a obstinação inflexivel dos seus compatriotas e a decisão indomavel de que elles tinham dado tantas provas e que lhes fazia supportar os supplicios mais atrozes de preferencia a satisfazerem os seus oppressores cedendo ás suas exigencias.

(Continúa.)

ANNUNCIOS

Bicycletas

Domingos Luiz Valente d'Almeida, vende e aluga bicycletas da marca «PEGO».

16 – Rua da Corredoura – 18

AVEIRO

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

BARRA — PHAROL

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo se vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55⋈0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

N'ESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encommendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só afiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

---

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir byciclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — **AVEIRO**

N'ESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO

AVEIRO